

“



PREFEITURA DE
SANTANA DE PARNAÍBA

www.santanadeparnaiba.sp.gov.br
PrefeituraSantanaDeParnaiba

Segunda-feira

PROFESSOR	DISCIPLINA	DIA/HORÁRIO	TURMA	LINK DO MEET
Severina	Biologia	19h00 às 19h50	3ºTEM	https://meet.google.com/sgv-hifm-srf
débora	Português	19h00 às 19h50	3ª EM C,D,E	https://meet.google.com/pph-toca-arj
Vanessa	Inglês	19h50 às 20h40	3ª EM A,B,C,D,E e TEM	https://meet.google.com/wkq-rgos-iry
Ivair	Filosofia	21h00 às 21h50	3ª EM D,E, 3ºTEM	meet.google.com/xf-tt-mr-gmk
Luciana	História	21h50 às 22h40	3ª EM D,E,3ºTEM	https://meet.google.com/auk-qxpg-wvv

Terça-feira

PROFESSOR	DISCIPLINA	DIA/HORÁRIO	TURMA	LINK DO MEET
Luciana	História	19h00 às 19h50	3ª EM B,C	https://meet.google.com/auk-qxpg-wvv
Anselmo	Química	19h50 às 20h40	3ª EM A,B,C,D,E,3ºTEM	meet.google.com/hgw-h-apy-bwd
Severina	Biologia	21h50 às 22h40	3ª EM A,B	meet.google.com/xae-rkd-b-nyb

Valdecir	Matemática	21h50 às 22h40	3ªEM D,E	https://meet.google.com/uqb-fhjp-wxe

Quarta-feira

PROFESSOR	DISCIPLINA	DIA/HORÁRIO	TURMA	LINK DO MEET
Gisele	Física	19h00 às 19h50	3ªEM A,B,C,D,E 3ºTEM	https://meet.google.com/ado-xghm-vku
Flávia	Matemática	21h00 às 21h50	3ªEM A,B,C	https://meet.google.com/age-vqib-zhn

Quinta-feira

PROFESSOR	DISCIPLINA	DIA/HORÁRIO	TURMA	LINK DO MEET
Vania	Português	19h00 às 19h50	3ª A,B 3ºTEM	https://meet.google.com/hsw-woyf-wzp?authuser=1
Adriana	Matemática	21h50 às 22h40	3ºTEM	https://meet.google.com/tra-ayzh-ugc
Kátia	História	21h00 às 21h50	3ª EM A	meet.google.com/jib-nffd-dri
Débora	Português	19h50 às 20h40	3ªEM C,D,E	https://meet.google.com/pph-toca-arj

Sexta-feira

PROFESSOR	DISCIPLINA	DIA/HORÁRIO	TURMA	LINK DO MEET
Maria Neusa	Geografia	19h00 às 19h50	3ªEM A,B,C	https://meet.google.com/cct-ggud-xch
Thiago	Geografia	21h00 às 21h50	3ªEM D,E 3ºTEM	https://meet.google.com/ntk-pngc-goj
Severina	Biologia	21h50 às 22h40	3ªEM C,D,E	meet.google.com/xae-rkdb-nyb



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldônio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Língua Portuguesa	Professoras: Débora e Vânia
Nome do Aluno:	Nº
Ano/série 3.E.M	Conteúdo Explicativo de 26 à 30/07

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

A interpretação de texto é um assunto da língua portuguesa que está presente no cotidiano. Todos os dias, ou na maioria deles, precisamos analisar texto e obter conclusões dele, desde canções ou ao ler um jornal. Portanto, praticamos a interpretação textual de forma constante.

Esse assunto recorrente em provas consiste no que o leitor pode concluir a partir da leitura do texto. Logo, não é apenas uma compreensão do que está escrito, mas é além do assunto abordado.

Para interpretar textos, na maioria das vezes, exige-se que o leitor tenha conhecimento prévio do assunto abordado. Outro fator importante é dominar a língua e também ter um dicionário para entender palavras que podem ser desconhecidas.



Interpretação de texto vai além do conteúdo abordado. (Foto: Shutterstock)

Quais são os passos necessários

Interpretar um texto pode não ser uma tarefa fácil, no entanto, existem caminhos capazes de auxiliar o leitor a chegar a análise sem necessariamente fazer muitos esforços. Por exemplo: realizar uma leitura com calma e sem interrupções, usar dicionário para entender os termos desconhecidos e praticar o conteúdo, assim como a releitura.

A leitura sem interrupções e pausada

A atenção é um requisito importante para o processo de interpretação de texto. É fundamental que o leitor desfaça de tudo que é capaz de atrapalhar a leitura tendo em vista que pode ser gerado a falta de análise eficaz.

Outro fator importante para interpretação textual consiste ler pausadamente o conteúdo. No primeiro olhar ao texto, o leitor precisa trabalhar com calma para absorver o conteúdo e, a partir disso, obter a conclusão necessária. Não adianta acelerar com a leitura e, no final, extrair de forma errada a interpretação.

Obs.: nesse primeiro passo não é necessário que o leitor consiga entender toda a mensagem tratada, mas sim apenas realizar a leitura com calma, sem que haja interrupção.

O processo de releitura

Um ponto também relevante para dominar o texto é a releitura do conteúdo. Esse quesito, é interessante porque o leitor pode não ter absorvido todas as informações no início, por essa razão é necessário um “segundo olhar”. O número de vezes para reler o conteúdo fica a critério do estudante.

O que fazer com palavras desconhecidas?

É comum ao ler um texto encontrar palavras desconhecidas. Para ajudar na interpretação, o leitor pode contar com a ajuda de um dicionário da língua. Além de entender o significado, é importante ainda pesquisar os termos sinônimos. Um dos procedimentos importantes nessa etapa consiste no ato de sublinhar todas as palavras desconhecidas.

Resumo breve dos parágrafos

O resumo breve de parágrafos também está entre os passos importantes para realizar a interpretação do texto. Em cada um, o leitor precisará anotar quais foram as principais ideias apresentadas e, dessa maneira, facilitar o processo de análise geral.

A importância da prática de interpretação

Praticar a interpretação textual é um requisito-chave para conseguir obter sucesso no assunto. Para quem deseja estudar para vestibular ou concurso pode refazer questões de provas anteriores. Além disso, analisar canções, poemas, textos de jornais e revistas também é um bom caminho para aprender o conteúdo.

Resumo geral do conteúdo

Depois de ter seguido os demais procedimentos, é indispensável que o estudante construa um resumo geral sobre o conteúdo, mencionando as ideias principais do texto e realizar conexões sobre o tema e a realidade.

Mais leitura, mais habilidade na interpretação

Há também um procedimento decisivo para saber interpretar um texto, a leitura. Como dito anteriormente, a interpretação de texto consiste no que podemos concluir sobre um texto. Para isso é importante entender sobre o conteúdo mencionado.

A leitura constante auxilia o estudante a obter mais conhecimentos e domínio sobre os mais diferenciados assuntos.

A diferença entre interpretação e compreensão

Um dos assuntos que mais causam confusão entre os estudantes consiste na compreensão e interpretação de texto. Apesar dos dois temas serem próximos, apresentam características diferentes. À frente mais informações sobre cada um.

O que é compreensão de texto?

A compreensão de texto diz respeito a uma análise objetiva do conteúdo. Em geral, questões sobre compreensão textual apresentam expressões como:

- De acordo com o escritor/autor;
- O texto informa que;

- O autor expressa que;
- O texto diz que;
- Na concepção do autor;
- O texto sugere que.

O que corresponde à interpretação de texto?

Já a interpretação de texto diz respeito ao que o leitor pode concluir sobre o texto, ligada às ideias mencionadas no conteúdo. Em alguns casos, o processo de interpretação exige do leitor um conhecimento prévio do assunto abordado, como também considerações sobre o tema, como já foi explicado antes.

Em perguntas de interpretação de texto são, geralmente, utilizadas expressões como:

- Conclui-se do texto que;
- O texto permite entender;
- Conclui-se que;
- A partir do texto permite-se deduzir que;
- Pode ser concluído que.

Informação ao fim do texto

O final do texto possui informações importantes como: quem é o autor da obra e qual o ano da publicação. Esses dois aspectos proporcionam de forma rápida e eficaz o que o leitor pode esperar do conteúdo.

A referência é capaz de contribuir na interpretação de texto porque ao compreender os aspectos do escritor, expõe ao leitor de forma notória o que ele pode esperar do conteúdo como, por exemplo: o tipo de linguagem utilizada.

Ao analisar obras da escola do [Romantismo](#), por exemplo, percebe-se a utilização de linguagem poética, o uso de subjetivismo, dentre outros aspectos. Nesse sentido, ao ter um conhecimento sobre o conteúdo, o leitor é capaz previamente de entender do que esperar do texto.

Domínio do tempo

O estudante precisa obedecer o tempo estipulado para responder às questões. Para isso, existe uma técnica importante para interpretar o texto e dominar a duração. Antes de ler o texto, é importante primeiro conferir as questões, não o inverso. Pois, ao ler as perguntas no início, o estudante vai ao conteúdo já entendendo o que precisa responder. Essa maneira é capaz de contribuir com o processo de interpretação correta, além de viabilizar a otimização do tempo.

Resumo do conteúdo

- A interpretação de texto diz respeito às conclusões que o autor pode obter a partir da leitura do texto;
- A interpretação vai além do que é abordado no texto, o leitor compreende e faz novas leituras;
- As novas leituras precisam ter conexão com o que é dito no conteúdo;
- A interpretação de texto é diferente de compreensão;
- A compreensão diz respeito à análise objetiva do conteúdo, sem realizar considerações próprias.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA	
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldônio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Matemática	Professor(a): VALDECIR, FLÁVIA
Nome do Aluno:	Nº
Ano/série 3.E.M	Conteúdo Explicativo de 26 à 30/07

DETERMINANTES

Matriz quadrada - é tabela que possui o mesmo números de linhas e colunas. Toda matriz quadrada está associada a um número real ao qual damos o nome de determinante.

Dentre as várias aplicações dos determinantes na Matemática, temos:

- . resolução de alguns tipos de sistemas de equações lineares.
- . cálculo da área de um triângulo situado no plano cartesiano, quando são conhecidas as coordenadas de seus vértices.

Cálculo de determinante da matriz de ordem 2

Exemplo:

Encontre o valor do determinante da seguinte matriz.

$$a) A = \begin{vmatrix} \frac{1}{2} & 0,3 \\ 3 & 8 \end{vmatrix} =$$

Resolução

$$(\frac{1}{2} \cdot 8) - (3 \cdot 0,3) =$$

$$4 - 0,9 = 3,1$$

Cálculo de determinante da matriz de ordem 3.

Determinante de ordem 3 – Regra de Sarrus

O cálculo do determinante de 3ª ordem pode ser feito por meio de um dispositivo prático, denominado regra de Sarrus.

$$D = \begin{vmatrix} a_{11} & a_{12} & a_{13} \\ a_{21} & a_{22} & a_{23} \\ a_{31} & a_{32} & a_{33} \end{vmatrix}$$

1º passo- repetir as duas primeiras colunas ao lado da terceira

$$D = \begin{vmatrix} a_{11} & a_{12} & a_{13} & a_{11} & a_{12} \\ a_{21} & a_{22} & a_{23} & a_{21} & a_{22} \\ a_{31} & a_{32} & a_{33} & a_{31} & a_{32} \end{vmatrix} =$$

Diagonal principal
Diagonal secundária

$$(a_{11} \cdot a_{22} \cdot a_{33} + a_{12} \cdot a_{23} \cdot a_{31} + a_{13} \cdot a_{21} \cdot a_{32}) - (a_{12} \cdot a_{22} \cdot a_{31} + a_{11} \cdot a_{23} \cdot a_{32} + a_{13} \cdot a_{21} \cdot a_{33})$$

No exemplo abaixo, quando utilizamos os vértices de triângulos devemos completar a terceira coluna com o número 1. O cálculo feito através da regra de Sarrus consiste em repetir as duas primeiras colunas. Para calcularmos o determinante da matriz de ordem 3 devemos inicialmente calcular o produto das diagonais principais e depois subtrair pelo produto das diagonais secundárias.(x,y)

Qual a área do triângulo BAH de vértices B(0,0), A(4,2) e H(2,6) ?

1º dispor os pontos na horizontal.

$$\text{Det} = \begin{vmatrix} 0 & 0 & 1 & 0 & 0 \\ 4 & 2 & 1 & 4 & 2 \\ 2 & 6 & 1 & 2 & 6 \end{vmatrix} = [(0 \cdot 2 \cdot 1) + (0 \cdot 1 \cdot 2) + (1 \cdot 4 \cdot 6)] - [(2 \cdot 2 \cdot 1) + (6 \cdot 1 \cdot 0) + (1 \cdot 4 \cdot 0)] =$$

$$= (0 + 0 + 24) - (4 + 0 + 0) = 24 - 4 = 20$$

$$\text{Área} = \frac{1}{2} \cdot |\text{det}|$$

|\text{det}| significa o número em valor absoluto
(desconsiderando o sinal)

Para calcular a área basta multiplicar o número encontrado (desconsiderando o sinal) por $\frac{1}{2}$.

$$\text{Área do determinante} = \frac{1}{2} \cdot 20 = 10$$

Outro modo de calcular a área de um triângulo é dispor os pontos da seguinte forma, repetindo sempre no final os pontos da primeira coluna.

1º dispor os pontos na vertical.

$$A = \begin{vmatrix} 1 & 0 & 4 & 2 & 0 \\ 2 & 0 & 2 & 6 & 0 \end{vmatrix} = [(0 \cdot 2) + (4 \cdot 6) + (2 \cdot 0)] - [(0 \cdot 4) + (2 \cdot 2) + (6 \cdot 0)] =$$

$$[0 + 24 + 0] - [0 + 4 + 0] =$$

$$24 - 4 = 20$$

$$\frac{1}{2} \cdot 20 = 10$$

Condição de alinhamento de três pontos.

Considerando três pontos (x,y) no plano cartesiano afirmamos que estão alinhados se o valor do determinante for igual a zero.

O cálculo pode ser feito de duas formas, da mesma maneira que no exemplo anterior.

Exemplo:

Verifique se os três pontos abaixo estão alinhados.

a) A(4,5) , B(0,0) e C(5,4)

Vamos utilizar a regra de Sarrus

$$D = \begin{vmatrix} 4 & 5 & 1 & 4 & 5 \\ 0 & 0 & 1 & 0 & 0 \\ 5 & 4 & 1 & 5 & 4 \end{vmatrix} = \begin{matrix} (0+25+0) - (0+16+0) = \\ 25 - 16 = 9 \end{matrix}$$

D = 9 (não estão alinhados)

b) A(3,2), B(2,3) e C(5,0)

Regra de Sarrus

$$D = \begin{vmatrix} 3 & 2 & 1 & 3 & 2 \\ 2 & 3 & 1 & 2 & 3 \\ 5 & 0 & 1 & 5 & 0 \end{vmatrix} = \begin{matrix} (9+10+0) - (15+0+4) = \\ 19 - 19 = 0 \end{matrix}$$

D = 0 (os pontos estão alinhados)



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA		
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO		
Colégio Municipal “Professor Aldônio Ramos Teixeira”		
Disciplina: filosofia	Professor(a): Ivair	
Nome do Aluno:	Nº	
Ano/série: 3ºEM	Conteúdo Explicativo de 26 à 30/07	

Michel Foucault e o Biopoder

O século XVIII foi o momento da geração de um novo tipo de poder. Um novo tipo de tecnologia de poder com mecanismos e técnicas diferentes daquelas vistas com o **poder disciplinar** ou com o **poder soberano**. Michel Foucault coloca em choque a noção clássica de soberania como poder baseado no direito de vida e morte. Este poder é fundamentado na possibilidade prática do soberano deixar viver, ou seja, não se intrometer de maneira massiva na vida cotidiana com a criação de normas, mas aparecer no momento decisivo da morte, no momento de retirar a vida com potência e autoridade de seu súdito.

No entanto, após o nascimento das cidades, o crescimento populacional e a concentração de trabalhadores, a vida vivida passa a ser elemento e até mesmo condição fundamental de manutenção da produtividade, que já havia sido objeto de trabalho dos **mecanismos disciplinares** e da **sociedade disciplinar** nascente. Um poder que se fazia nos corpos, na disciplina dos pequenos movimentos, na força focada em detalhes, na criação e imposição de normas, é complementado por um poder que se apoia na vida biológica, nas estimativas estatísticas e no foco na espécie.

A vida biológica como objeto principal desta nova tecnologia de poder desloca o eixo de ação do indivíduo para a população, do átomo para o todo, da norma aplicada ao indivíduo para a normalização assumida após o estudo da população. Não se trata mais de somente aplicar normas para o disciplinamento individual, é necessário entender dados e estatísticas globais (como a taxa de mortalidade) para concluir qual é o valor normal adequado para uma cidade, para que se tenha um objetivo razoável segundo as médias consideradas convenientes. “Uma certa inclinação que conduz ao que se poderia chamar de estatização do biológico”[1], diz Foucault.

Trata-se de uma série de fenômenos caracterizados pelo

Conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana.[2]

Uma espécie que precisa ser suportada por um fazer viver, por uma força, uma propulsão de vida baseada na boa administração pública. Desta forma, pode-se rever a noção de fazer morrer e fazer viver: novamente, o fazer morrer como sendo o direito da espada, pois em relação ao poder soberano, “o direito de matar é que detém efetivamente em si a própria essência desse direito de vida e de morte”[3]. Ao matar, exerce-se o direito sobre a vida. O fazer viver é um “direito novo, que não vai apagar o primeiro, mas vai penetrá-lo, perspassá-lo, modificá-lo, e que vai ser um direito, ou melhor, um poder exatamente inverso: o poder de ‘fazer’ viver e de ‘deixar’ morrer”[4].

Pode-se entender, inicialmente, que o poder de soberania é o de fazer morrer ou deixar viver, enquanto o biopoder emerge com o direito de fazer viver e deixar morrer.

Do corpo à espécie

Nos séculos XVII e XVIII, viram-se aparecer técnicas de poder que eram essencialmente centradas no corpo, no corpo individual. Eram todos aqueles procedimentos pelos quais se assegurava a distribuição espacial dos corpos individuais [...] Durante a segunda metade do século XVIII, eu creio que se vê aparecer algo de novo, que é uma outra tecnologia de poder, não disciplinar dessa feita. Uma tecnologia de poder que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, que a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia.[5]

O alvo do biopoder é a multiplicidade dos homens como formação de uma massa global, de uma população propriamente, que é submetida a efeitos próprios da

vida, processos que são da espécie e que resultam em uma média estatística: taxa de nascimento, de morte, de produção, de doenças e etc.

O tipo de poder disciplinar introduz uma

série de vigilâncias, controles, olhares, esquadrinhamentos diversos que permite descobrir, antes mesmo de o ladrão roubar, se ele vai roubar etc. E, de outro lado, na outra extremidade, a punição não é simplesmente esse momento espetacular, definitivo, do enforcamento, da multa ou do desterro, mas será uma prática como encarceramento, impondo ao culpado toda uma série de exercícios, de trabalhos, trabalho de transformação na forma, simplesmente, do que se chama de técnicas penitenciárias, trabalho obrigatório, moralização, correção, etc.[6]

O ponto do biopoder é permitir que os ditames disciplinares sejam comandados por

uma série de questões que vão ser perguntadas no seguinte gênero, por exemplo: qual é a taxa média da criminalidade desse [tipo]? Como se pode prever estatisticamente que haverá esta ou aquela quantidade de roubos num momento dado, uma sociedade dada, numa cidade dada, na cidade, no campo, em determinada camada social, etc.?[7]

Não se tem, assim, uma norma aplicada ao corpo, mas uma normalização que deve ser a referência para as ações biopolíticas. Por exemplo: quanto custa a prevenção de um dado tipo de crime numa região determinada da cidade? É vantajoso para a administração pública investir verbas no controle ou redução para zero deste crime especificamente? Será melhor diminuir para uma taxa de normalidade já estabelecida em vez da tentativa de redução para zero?

A anátomo-política do corpo humano, localizada no século XVIII é complementada, no fim do mesmo século, por uma biopolítica da espécie humana. Um olhar global.

Novamente, este olhar global compõe o biopoder que é descrito como:

O conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. são esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII,

juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos [...], constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica.[8]

Todo tipo de controle biopolítico atua sob a forma de regulamentações. O biopoder regula, o biopoder traça regulamentações *para propor vida*. **A regulamentação do biopoder é seu fazer viver**, na medida em que toda regulamentação proposta por mecanismos biopolíticos tendem a elevar as multiplicidades administradas à média referencial estabelecida estatisticamente e ao padrão de normalidade que é seu efeito.

As práticas biopolíticas, inclusive, em seu afã de segmentação populacional, tendem a separar os problemas observados por faixas, por tipos, por alvos: a fome na região norte é mais onerosa que na região sul? Ela causa mais baixas populacionais na região norte ou na região sul? Em quais locais é menos oneroso resolver o problema da fome? Quais gêneros e raças pertencem aos famélicos e em quais proporções?

Para Foucault, não é a segmentação que classifica o biopoder, mas sim o fato de que essas segmentações tendem a filtrar um tipo específico de população, a detalhar a população através de novas medidas estatísticas, de novos normais que serão propostos como norma. Pode-se sugerir que o trajeto do biopoder é aquele da *análise-regulamentação-normalização*. Uma normalização sobre a espécie que, no detalhe, é levada aos corpos através dos mecanismos disciplinares.

O corpo só é alvo enquanto parte do todo:

Doenças mais ou menos difíceis de extirpar, e que não são encaradas com as epidemias, a título de causas de morte mais frequente, mas como fatores permanentes – e é assim que as tratam – de subtração das forças, diminuição do tempo de trabalho, baixa de energias, custos econômicos, tanto por causa da produção não realizada quanto dos tratamento que podem custar. Em suma, a doença como fenômeno de população: não mais como a morte que se abate brutalmente sobre a vida – é a epidemia – mas como a morte permanente, que se introduz sorrateiramente na vida, a corrói perpetuamente, a diminui e a enfraquece.[9]

É necessário entender a partir da citação anterior que o corpo faz parte da regulamentação biopolítica através de sua participação no todo, através de sua

permanência a todo instante no escopo de espécie. o corpo humano enquanto corpo vivo, o corpo humano enquanto corpo biológico: caminha-se da população ao estabelecimento do normal, do estabelecimento do normal à prática local biopolítica sobre o corpo-espécie, ou seja, à prática da normalização.

Do individual ao global

Da natalidade, da morbidade, das incapacidades biológicas diversas, dos efeitos do meio, é disso tudo que a biopolítica vai extrair seu saber e definir o campo de intervenção de seu poder.[10]

O objeto da biopolítica é a população como problema político, “como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder, acho que aparece nesse momento”[11]. Assim, ela lida com os acontecimentos aleatórios que acontecem numa população possível em um período determinado. Por isso, o que lhe importa é o cálculo de previsões, estimativas estatísticas, medidas globais. Ela não tem seu eixo no indivíduo enquanto indivíduo, ela trabalha com as condições que promovem ou não uma dada métrica biológica para manipulá-la até o normal: abaixar a taxa de morbidade, aumentar expectativa de vida, etc, através de mecanismos reguladores fixarão um equilíbrio e um objetivo.

Não se trata, por conseguinte, em absoluto, de considerar o indivíduo no nível do detalhe, mas, pelo contrário, mediante mecanismos globais, de agir de tal maneira que se obtenham estados globais de equilíbrio, de regularidade; em resumo, de levar em conta a vida, os processos biológicos do homem-espécie e de assegurar sobre eles não uma disciplina, mas uma regulamentação.



PREFEITURA DE
SANTANA DE PARNAÍBA



www.santanadeparnaiba.sp.gov.br

PrefeituraSantanadeParnaiba



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA		
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO		
Colégio Municipal “Professor Aldônio Ramos Teixeira”		
Disciplina: Biologia	Professor(a): Severina	
Nome do Aluno:		Nº
Ano/série 3 EM	Conteúdo Explicativo de 26 à 30/07	

3º EM. A ao E. TEMA: GENÉTICA A LEI DE MENDEL.

OBJETIVO: Conhecer o **trabalho** de Gregor **Mendel** sobre hereditariedade; interpretar a Primeira **Lei de Mendel**.

APOSTILA OPET. UNIDADE 36. PÁG. 2 a 5. LEIA COM ATENÇÃO!

ASSISTA O VÍDEO EXPLICATIVO. ACESSE O LINK.

<https://www.youtube.com/watch?v=XejnrrftkKY>



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA	
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldônio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Física	Professor(a): Gisele
Nome do Aluno:	Nº
Ano/série: 3ºA,3ºB,3ºC,3ºD,3ºE	Conteúdo Explicativo de 26 à 30/07

Tema: Magnetismo

Assistir o vídeo https://www.youtube.com/watch?v=DOHUL_ddpNM

Ler o texto abaixo:

O Magnetismo se define como a capacidade de atração em ímãs, ou seja, a capacidade que um objeto possui de atrair outros objetos.

Os ímãs naturais são compostos por pedaços de ferro magnético ou rochas magnéticas como a magnetita (óxido de ferro Fe_3O_4). Os ímãs artificiais são produzidos por ligas metálicas, como por exemplo, níquel-cromo.

Magnetismo sob o ponto de vista químico

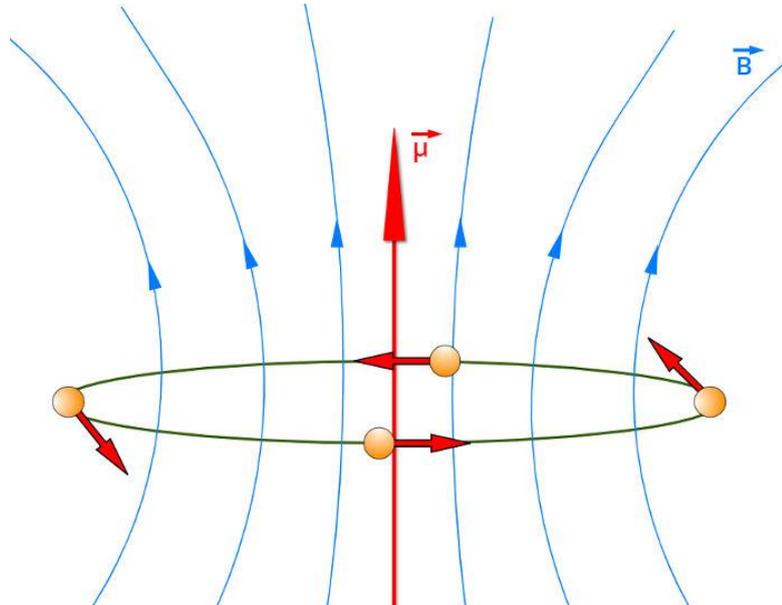
O fenômeno do magnetismo pode ser explicado através das forças do dipolo. Por exemplo, os materiais possuem dois pólos diferentes, quando entram em contato com outros materiais os pólos iguais se repelem e os pólos opostos se atraem. Este fenômeno recebe a denominação de “dipolo magnético” e pode ser considerado uma grandeza. A força do ímã é determinada por essa grandeza. Os próprios átomos são considerados ímãs, por exemplo, com pólos norte e sul. As bússolas magnéticas trabalham com base no magnetismo, veja o processo de funcionamento:

- Um ímã pequeno e leve se encontra no ponteiro das bússolas, este ímã estabelece ao seu redor um campo magnético e está equilibrado sobre um ponto que funciona como pivô: sem atrito e de fácil movimento;
- quando o ímã é situado em um campo de outro ímã, esse tende a se alinhar ao campo de referência;
- a Terra possui um campo magnético que funciona como referencial para o funcionamento da bússola.

A bússola é um dispositivo extremamente simples, como a Terra é um ímã e a bússola também, surge uma atração magnética. E não importa onde você esteja, ao segurar uma bússola ela vai apontar sempre para o Polo Norte, isto porque o campo magnético da Terra faz com que o ponteiro aponte nesta direção.

O magnetismo é o fenômeno físico que explica a atração entre metais e ímãs, por exemplo. Esses materiais são capazes de se atraírem mutuamente graças à disposição espacial dos vetores de momento de dipolo magnético (μ) que se encontram no interior desses materiais.

O momento de dipolo magnético é um vetor que aponta em direção ao polo norte de um campo magnético. Essa grandeza é produzida quando uma carga elétrica move-se em circuito fechado, como mostra a figura abaixo:



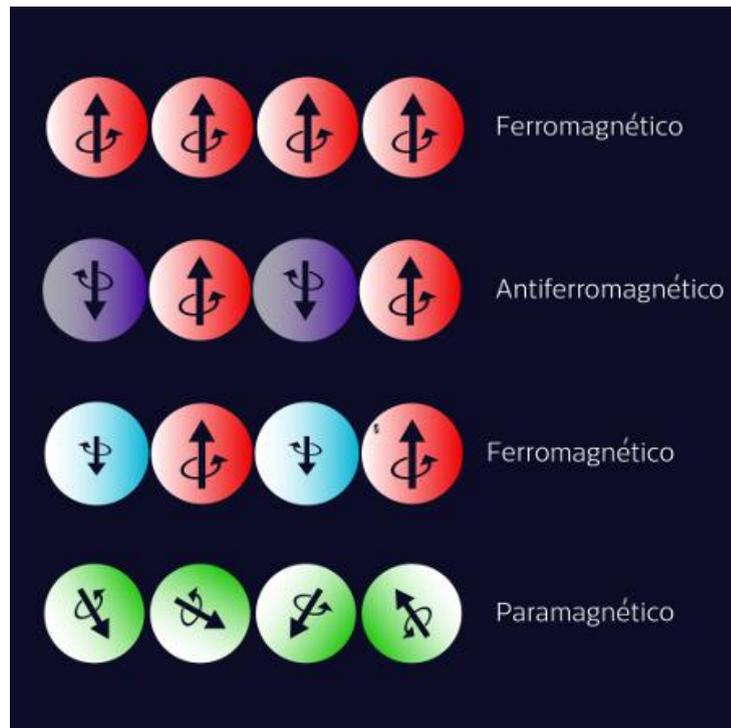
O movimento de uma carga em um circuito fechado produz um momento de dipolo magnético.

O movimento de uma carga em um circuito fechado produz um momento de dipolo magnético.

O movimento de uma carga em um circuito fechado produz um momento de dipolo magnético.

Alguns materiais podem se sentir atraídos ou até mesmo repelidos por outros de acordo com a forma como os seus momentos de dipolo magnético encontram-se alinhados em seu interior. Essa configuração de momentos de dipolo magnético é o que chamamos de estado de magnetização. Existem diversos estados de magnetização, como o ferromagnetismo, antiferromagnetismo, diamagnéticos e paramagnéticos.

Quando tratamos de materiais que apresentam propriedades magnéticas, é comum falarmos de domínios magnéticos, que são pequenos pedaços do material onde todas as moléculas que estão próximas umas das outras têm os seus momentos magnéticos alinhados em uma única direção. A figura a seguir mostra como são as orientações dos momentos de dipolo magnético nos domínios magnéticos para cada tipo de material citado. Observe:



Os domínios magnéticos para diferentes estados de magnetização.

Os domínios magnéticos para diferentes estados de magnetização.

Os domínios magnéticos para diferentes estados de magnetização.

Quando expostos a uma fonte de campo magnético externa, como um ímã, esses materiais reagem de maneiras diferentes.

Materiais ferromagnéticos: Esses materiais já têm os seus domínios magnéticos alinhados, mesmo sem a presença de um campo magnético externo. Quando aproximados de um ímã, são fortemente atraídos, além disso, materiais ferromagnéticos perdem sua imaginação caso aquecidos acima da temperatura de Curie, uma temperatura na qual os domínios magnéticos perdem sua orientação. Exemplos: ferro, cobalto, níquel.

Materiais antiferromagnéticos: Diferentemente dos materiais ferromagnéticos, esses materiais são fortemente repelidos por campos magnéticos externos. Exemplos: manganês, cromo.

Materiais diamagnéticos: Nesses materiais, os domínios magnéticos encontram-se livres para girar na presença de um campo magnético, no entanto, os momentos de dipolo magnético desse material alinham-se de forma oposta ao campo magnético externo e, portanto, são repelidos pelos ímãs. Exemplos: cobre, prata.

Materiais paramagnéticos: Nos materiais paramagnéticos, os domínios magnéticos encontram-se naturalmente desorientados. Na presença de um campo magnético externo, podem alinhar-se, sendo levemente atraídos pelos ímãs, enquanto houver proximidade entre eles. Exemplos: alumínio, magnésio.



PREFEITURA DE
SANTANA DE PARNAÍBA

www.santanadeparnaiba.sp.gov.br
PrefeituraSantanadeParnaiba



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldônio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Química	Professor(a): Anselmo
Nome do Aluno:	N°
Ano/série 3°EM	Conteúdo Explicativo de 26 à 30/07

<https://www.youtube.com/watch?v=-S8LA-qEswk>

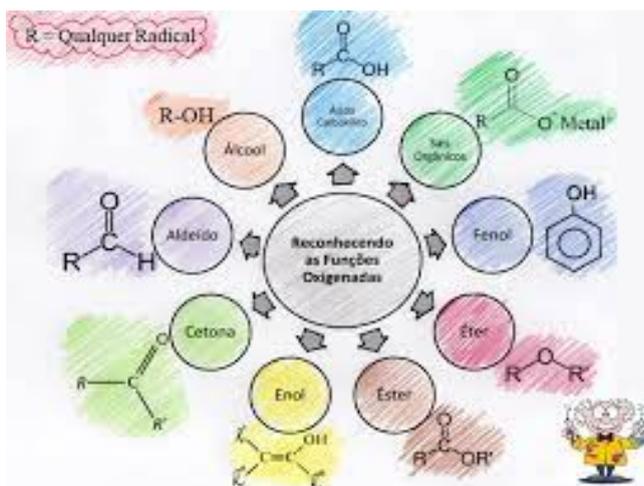


TABELA DE RESUMO DAS PRINCIPAIS FUNÇÕES ORGÂNICAS
Química Orgânica I Professora: Águeda Costa

	FUNÇÃO ORGÂNICA	GRUPO FUNCIONAL	NOMENCLATURA (IUPAC)	EXEMPLOS
FUNÇÕES OXIGENADAS	ÁLCOOL	$R^{**}-OH$	HIDROCARBONETO sufixo OL	$CH_3-CH_2-CH_2-OH$ PROPAN-1-OL
	FENOL	$Ar-OH$	HIDRÓXI - Nome do HIDROCARBONETO AROMÁTICO ligado ao grupo OH	 HIDRÓXI-BENZENO
	CETONA	$R-\overset{O}{\parallel}C-R_1$ ou $RCOR_1$	HIDROCARBONETO sufixo ONA	$CH_3-\overset{O}{\parallel}C-CH_3$ PROPANONA
	ALDEÍDO	$R^*-\overset{O}{\parallel}C-H$ ou R^*CHO	HIDROCARBONETO sufixo AL	$H-\overset{O}{\parallel}C$ METANAL
	ÁCIDO CARBOXILICO	$R^*-\overset{O}{\parallel}C-OH$ ou R^*COOH	Inicia-se o nome com a palavra ÁCIDO ... HIDROCARBONETO sufixo ÓICO	$CH_2=CH-\underset{CH_3}{\underset{ }{CH}}-\overset{O}{\parallel}C-OH$ ÁCIDO 2-METILBUT-3-ENÓICO
	ÉSTER	$R^*-\overset{O}{\parallel}C-O-R$ ou R^*COOR	HIDROCARBONETO + OATO de nome do radical ligado ao oxigênio + ILA	$H-\overset{O}{\parallel}C-\underset{CH_3}{\underset{ }{CH}}-CH_3$ METANOATO de ISOPROPILA
	SAL DE ÁCIDO CARBOXÍLICO	$R^*-\overset{O}{\parallel}C-O-Me^+$ ou $R^*COO^+Me^+$	HIDROCARBONETO sufixo OATO de nome do metal ligado ao oxigênio	$CH_3-CH_2-\overset{O}{\parallel}C-O-Na^+$ PROPANOATO de SÓDIO
	ÉTER	$R-O-R_1$ ($R < R_1$)	Prefixo de R (grupo menor) + ÓXI + Nome de R_1 (grupo maior) como se fosse um HIDROCARBONETO	$CH_3-CH_2-CH_2-O-CH_3$ METÓXIPROPANO
FUNÇÕES NITROGENADAS	AMINA	$R-N-R^*$ $ $ R^*	Nome dos RADICAIS CARBÔNICOS ligados ao NITROGÊNIO + AMINA Pode ser usado a indicação N	$CH_3-NH-CH_2-CH_3$ ETILMETILAMINA
	AMIDA	$R^*-\overset{O}{\parallel}C-N-R^*$ $ $ R^*	HIDROCARBONETO - O + AMIDA Pode ser usado a indicação N para amidas 2ª e 3ª.	$CH_3-\overset{O}{\parallel}C-NH_2$ ETANAMIDA
	NITRILA	$R-C\equiv N$ ou $R-CN$	HIDROCARBONETO + NITRILA ou NITRILO	$CH_3-CH-CN$ $ $ CH_3 2-METILPROPANONITRILO
	NITROCOMPOSTOS	$R-NO_2$	NITRO + Nome de R como se fosse um HIDROCARBONETO	$CH_2=CH-\underset{NO_2}{\underset{ }{CH}}-CH_3$ 2-NITROBUT-3-ENO
OUTRAS FUNÇÕES	HALETO ORGÂNICO	$R-X$ $X = F, Cl, Br$ ou I	NOME DE X + Nome de R como se fosse um HIDROCARBONETO Sendo X o radical. X = qlqr haleto	$CH_2-CH_2-CH_2$ $ $ Br $ $ F 1-BROMO-3-FLUORPROPANO
	ÁCIDO SULFÔNICO	$R-SO_3H$	ÁCIDO Nome de R como se fosse um HIDROCARBONETO + SULFÔNICO	 ÁCIDO BENZENO SULFÔNICO

OBSERVAÇÕES:

R é um radical alquila (não aromático) ou arila (aromático)

R' pode ser um HIDROGÊNIO (H) ou um radical alquila (não aromático) ou arila (aromático)

R'' é um radical alquila (não aromático)

Ar é um radical arila (aromático)



PREFEITURA DE
SANTANA DE PARNAÍBA

www.santanadeparnaiba.sp.gov.br
PrefeituraSantanadeParnaiba



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA	
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Aldônio Ramos Teixeira”	
Disciplina: História	Professor(a): Luciana
Nome do Aluno:	Nº
Ano/série 3º Ensino Médio B,C,D e E.	Conteúdo Explicativo de 26 à 30/07

O governo de João Goulart .

João Goulart ou **Jango**, como ficou conhecido, foi o vigésimo quarto **Presidente da República do Brasil**. Assumiu a presidência do país, com a renúncia de **Jânio Quadros**, que governou o Brasil de 1961 a 1964.

Biografia de João Goulart

João Belchior Marques Goulart nasceu na Estância de Iguariaçá, em São Borja, Rio Grande do Sul, dia 1º de março de 1919. Descendente de família gaúcha abastada, seu pai, Vicente Rodrigues Goulart, era coronel e sua mãe, Vicentina Marques Goulart, dona do lar. João era o mais velho de oito irmãos, e passou a infância em São Borja. Estudou no Colégio das Irmãs Teresianas, num município próximo à sua cidade natal, Itaqui. Foi estudar no Internato Santana, em Uruguaiana e, mais tarde, no Colégio Anchieta, em Porto Alegre. Na capital, ele cursou Direito na Faculdade de Porto Alegre e teve grande atuação política, ao lado de seu companheiro Getúlio Vargas. Faleceu em Mercedes, na Província de Corrientes, Argentina, dia 6 de dezembro de 1976, quando estava exilado, após ser deposto pelo Golpe Militar de 1964.

Governo de João Goulart

Iniciou sua carreira política em 1946, com a fundação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), do qual foi presidente nacional entre 1952 e 1964. Em 1947, foi eleito Deputado Estadual para a Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Em 1950, foi eleito Deputado Federal, com cerca de 40 mil votos, sendo o primeiro cargo que o consagrou na política, com o auxílio de seu amigo e conterrâneo Getúlio Vargas (1882-1954) que governou o Brasil de 1930 a 1945. Além disso, no segundo governo de Getúlio, João Goulart exercia o cargo de Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio de 1953 a 1954.

Observe que João Goulart venceu duas eleições como vice-presidente da República. Primeiramente, foi eleito vice de **Juscelino Kubitschek**, em 1955, e, mais tarde, vice de **Jânio Quadros**, em 1960. Assumiu a posse da presidência dia 7 de setembro de 1961, com a renúncia de Jânio Quadros, em agosto de 1961. Os militares e a UDN (União Democrática Nacional), contudo, se posicionaram contra sua ascensão à presidência.

Por outro lado, Jango teve grande adesão das camadas populares como a classe operária, os sindicatos e os estudantes. Quando assumiu a presidência, o país estava desestruturado, marcado por crises políticas e econômicas. Assim, Jango pretendia transformar o país, renovando a constituição e sobretudo, propondo as reformas de base, nos setores educacional, fiscal, político e agrário, tal qual a reforma agrária, reforma tributária, reforma eleitoral (com o voto para analfabetos), a reforma universitária, dentre outras. Suas ações foram controversas, de modo que o país, em 1963, atingiu um nível altíssimo de dívida externa e inflação, aproximando-se de 74%.

Golpe de 1964

Ocorrido em 31 de março de 1964, os adversários do governo de Jango (militares e políticos conservadores) deram um golpe que ficou conhecido como o “Golpe de 64”.



João Goulart foi deposto pelo Golpe Militar de 1964

Esta ação pretendia, entre outras coisas, depor o Presidente João Goulart, acusado de comunista. Uma vez que os militares assumiram o poder, Jango se refugiou no Uruguai e morreria no exílio.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA		
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO		
Colégio Municipal “Professor Aldônio Ramos Teixeira”		
Disciplina: História	Professor(a): Kátia Fernanda	
Nome do Aluno:		Nº
Ano/série 3º EM A	Conteúdo Explicativo de 26 à 30/07	

Ditadura Militar no Brasil

A Ditadura Militar no Brasil foi um regime autoritário que teve início com o golpe militar em 31 de março de 1964, com a deposição do presidente João Goulart.

O regime militar durou 21 anos (1964-1985), estabeleceu a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime.

O Golpe de 31 de Março de 1964

O golpe militar de 31 de março de 1964 tinha como objetivo evitar o avanço das organizações populares do Governo de João Goulart, acusado de comunista.

O ponto de partida foi a renúncia do presidente Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961.

O Congresso Nacional empossou temporariamente o presidente da Câmara, o deputado Ranieri Mazzili, pois o vice-presidente encontrava-se em viagem à China.



Primeira página do jornal O Globo de 2 de abril de 1964

Enquanto João Goulart iniciava sua viagem de volta, os ministros militares expediram um veto à posse de Jango, pois sustentavam que ele defendia ideias de esquerda.

O impedimento violava a Constituição, e não foi aceito por vários segmentos da nação, que passaram a se mobilizar. Manifestações e greves se espalharam pelo país.

Diante da ameaça de guerra civil, foi feita no Congresso a proposta de Emenda Constitucional nº4, estabelecendo o regime parlamentarista no Brasil.

Dessa forma, Goulart seria presidente, mas com poderes limitados. Jango aceitou a redução de seus poderes, esperando recuperá-lo em momento oportuno.

O Congresso votou a favor da medida e Goulart tomou posse no dia 7 de setembro de 1961. Para ocupar o cargo de primeiro-ministro foi indicado o deputado Tancredo Neves.

O parlamentarismo durou até janeiro de 1963, quando um plebiscito pôs fim ao curto período parlamentarista republicano.

Governo João Goulart

Em 1964, Jango resolve lançar as "Reformas de Base" a fim de mudar o país. Assim, o presidente anunciou:

- Desapropriações de terras;
- nacionalização das refinarias de petróleo;
- reforma eleitoral garantindo o voto para analfabetos;
- reforma universitária, entre outras.

A inflação chegou a atingir em 1963, o índice de 73,5%. O presidente exigia uma nova constituição que acabasse com as "estruturas arcaicas" da sociedade brasileira.

O presidente era apoiado por universitários que atuavam por meio de suas organizações e uma das principais era a União Nacional dos Estudantes (UNE).

Igualmente, os comunistas de várias tendências, desenvolviam intenso trabalho de organização e mobilização popular, apesar de atuarem na ilegalidade. Diante do quadro de crescente agitação, os adversários do governo aceleraram a realização do golpe.

No dia 31 de março de 1964, o presidente João Goulart foi deposto pelos militares e Jango refugiou-se no Uruguai. Aqueles que tentaram resistir ao golpe sofreram dura repressão.

Para cobrir o vazio de poder, uma junta militar assumiu o controle do país. No dia 9 de abril foi decretado o Ato Institucional nº 1, dando poderes ao Congresso para eleger o novo presidente. O escolhido foi o general Humberto de Alencar Castelo Branco, que havia sido chefe do estado-maior do Exército.

Isto era apenas o início da interferência militar na gestão política da sociedade brasileira.

A concentração de poder

Depois do golpe de 1964, o modelo político instaurado visava fortalecer o poder executivo. Dezesete atos institucionais e cerca de mil leis excepcionais foram impostas à sociedade brasileira.

Com o Ato Institucional nº 2, os antigos partidos políticos foram fechados e foi adotado o bipartidarismo. Desta forma surgiram:

- a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que apoiava o governo;
- O Movimento Democrático Brasileiro (MDB), representando os opositores, mas cercado por estreitos limites de atuação.

O governo, através da criação do Serviço Nacional de Informação (SNI), montou um forte sistema de controle que dificultava a resistência ao regime. Chefiado pelo general Golbery do Couto e Silva, este órgão investigou todos aqueles suspeitos de conspirar contra o regime, desde empresários até estudantes.

Em termos econômicos, os militares trataram de recuperar a credibilidade do país junto ao capital estrangeiro. Assim foram tomadas as seguintes medidas:

- contenção dos salários e dos direitos trabalhistas;
- aumento das tarifas dos serviços públicos;

- restrição ao crédito;
- corte das despesa do governo;
- diminuição da inflação, que estava em torno de 90% ao ano.

Entre os militares, porém, havia discordância. O grupo mais radical, conhecido como "linha dura", pressionava o grupo de Castelo Branco, para que não admitisse atitudes de insatisfação e afastasse os civis do núcleo de decisões políticas.

As divergências internas entre os militares influenciaram na escolha do novo general presidente.

No dia 15 de março de 1967, assumiu o poder o general Artur da Costa e Silva, ligado aos radicais. A nova Constituição de 1967 já havia sido aprovada pelo Congresso Nacional.

Os atos institucionais promulgados durante os governos dos generais Castello Branco (1964-1967) e Artur da Costa e Silva (1967-1969), na prática, acabaram com o Estado de direito e as instituições democráticas do país.

Apesar de toda repressão, o novo presidente enfrentou dificuldades. Formou-se a Frente Ampla para fazer oposição ao governo, tendo como líderes o jornalista Carlos Lacerda e o ex-presidente Juscelino Kubitschek.

A resistência da sociedade

A sociedade reagia às arbitrariedades do governo e podemos citar um exemplo se dava no mundo das artes. Em 1965 foi encenada a peça "Liberdade, Liberdade", de Millôr Fernandes e Flavio Rangel, que criticava o governo militar.

Os festivais de música brasileira foram cenários importantes para atuação dos compositores, que compunham canções de protesto.

A Igreja Católica estava dividida: os grupos mais tradicionais apoiavam o governo, porém os mais progressistas criticavam a doutrina de segurança nacional.

As greves operárias reivindicavam o fim do arrocho salarial e queriam liberdade para estruturar seus sindicatos. Os estudantes realizavam passeatas reclamando da falta de liberdade política.

Com o aumento da repressão e a dificuldade de mobilizar a população, alguns líderes de esquerda organizaram grupos armados para lutar contra a ditadura. Entre as diversas organizações de esquerda estavam a Ação Libertadora Nacional (ALN) e o Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8).

O forte clima de tensão foi agravado com o discurso do deputado Márcio Moreira Alves, que pediu ao povo que não comparecesse às comemorações do dia 7 de setembro.

Para conter as manifestações de oposição, o general Costa e Silva decretou em dezembro de 1968, o Ato Institucional nº 5. Este suspendia as atividades do Congresso e autorizava a perseguição de opositores.

Em agosto de 1969, o presidente Costa e Silva sofreu um derrame cerebral e assumiu o vice-presidente Pedro Aleixo, político civil mineiro.

Em outubro de 1969, 240 oficiais generais indicaram para presidente o general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), ex-chefe do SNI. Em janeiro de 1970, um decreto-lei tornou mais rígida a censura prévia à imprensa.

Para lutar contra os grupos de esquerda, o Exército criou o Destacamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI).

A atividade dos órgãos repressivos desarticularam as organizações de guerrilhas urbana e rural, que levaram à morte dezenas de militantes de esquerda.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA	
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldônio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Geografia	Professor:
Nome do Aluno:	Nº
Ano/série: 3 EM D/E	Conteúdo Explicativo de 26 à 30/07

A **Ásia** é o maior continente em área terrestre do mundo, estando boa parte do continente localizado no Hemisfério Norte. Além de ser o mais extenso, é também o mais populoso, habitando nele cerca de três quintos da população mundial. A Ásia é **multicultural**, abrigando diversas culturas, etnias, religiões e tradições.

Geograficamente, o continente asiático é também muito diverso. No continente, localiza-se algumas montanhas que estão entre as mais altas do mundo, grandes desertos e extensos rios. O povo asiático corresponde a uma das **civilizações mais antigas** do mundo, iniciada há cerca de 4000 anos. A economia e governos são também variados, visto que o continente é composto por um grande número de países, cada qual com as suas particularidades.

Japão

O Japão é um país composto por um arquipélago situado no Oceano Pacífico e localizado no extremo leste do continente asiático. O território japonês possui uma área de 377.899 km², onde reside uma população de 127,3 milhões de pessoas. A densidade demográfica é de 336,8 habitantes para cada quilômetro quadrado.

♦ População do Japão

A população japonesa é uma das maiores do mundo, e sua densidade demográfica (número de habitantes por área) é também uma das mais elevadas. O Brasil, por exemplo, possui uma densidade demográfica que não ultrapassa os 24 hab./km². Essa elevada concentração de pessoas, somada ao fato de o Japão possuir uma grande quantidade de áreas inclinadas e montanhosas (onde não é possível a moradia), torna-se um grande problema para o país.

Embora a demografia seja considerada uma grande questão nacional, o crescimento vegetativo é negativo, ou seja, o Japão vem perdendo o seu número de habitantes em virtude das baixíssimas taxas de natalidade. Por outro lado, isso gera outro problema demográfico e econômico: o envelhecimento populacional, haja vista que as taxas de mortalidade são baixas e a expectativa de vida da população japonesa é uma das mais elevadas do mundo (83,6 anos). Com isso, o

número de idosos e aposentados é elevadíssimo, o que ocasiona o surgimento de problemas de ordem previdenciária.

Olimpíadas





PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldônio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Inglês	Professor(a): Vanessa
Nome do Aluno:	Nº
Ano/série: 3ºEM A,B,C,D,E	Conteúdo Explicativo de 26 à 30/07

RELATIVE CLAUSES - PAGES 3,4,5,6,7

Expressões que complementam o sentido dos substantivos ou pronomes

As relative clauses (orações relativas) são sentenças que ligam ou relacionam informações sobre pessoas e objetos. Por tais motivos, também funcionam como [adjetivos em inglês](#), isto é, modificam sujeitos e pronomes.

Nesses casos, os pronomes relativos ([relative pronouns](#)) *who* (quem), *whom* (quem/para quem), *whose* (cujo/cuja), *which* (qual/quais) e *that* (aquele/aquilo) são usados na composição das frases.

Classificação das relative clauses

A depender do papel que exercem (sujeito, objeto ou pronome possessivo), são separados em *defining relative clauses* (orações restritivas) e *non-defining relative clauses* (orações explicativas).

O pronome relativo quando atua como objeto pode ser retirado das orações.

Defining Relative Clauses

Nas orações do tipo restritiva usa-se os pronomes que destacam o que dizem sobre algo ou alguém. Quando fazem referência a pessoas são introduzidas por *who*, *whom* e *that*, já para coisas são colocados *which* ou *that*.

O pronome *whose* serve para ambos os casos, pois é possessivo. Outra característica das restritivas é a inexistência de vírgulas no decorrer das sentenças.

Exemplos:

- She finally met the singer Ivete Sangalo, whom she had always admired (Ela finalmente conheceu a cantora Ivete Sangalo, a quem ela sempre admirou).
- I feel that my French improved a lot. (Eu sinto que meu francês melhorou muito).
- The earrings that I bought last night are already broken (Os brincos que comprei na noite passada já estão quebrados).

O relativo that pode aparecer na posição do *who*, *whom* ou *which*, mas essa modificação é comum na linguagem verbal:

- The woman that came with her has already left [who] (A mulher que veio com ela já foi embora).
- The friends that we met in Brazil sent us a card [who/whom] (Os amigos que conhecemos no Brasil mandou-nos um cartão postal.)
- The dish that I made was delicious [which] (O prato que eu fiz estava delicioso).

Os pronomes também são retirados quando assumem o papel de objeto. Caso estejam acompanhados de verbos a exclusão torna-se incorreta, pois estão atuando como sujeitos:

- Thaís is the actress [who] we met last week (Thaís é a atriz que conhecemos na semana passada).
- The man that spoke at the meeting was very knowledgeable (O homem que falou na reunião foi muito bem informado).

Depois das expressões *something* (algo), *anything* (qualquer coisa), *everything* (tudo), *nothing* (nada), *few* (poucos), *many* (muitos) e de superlativos usa-se o *that*:

- Do you have anything that will help my headache? (Você tem alguma coisa que ajude minha dor de cabeça?).
- Everything that you say looks beautiful to me (Tudo o que você diz parece lindo para mim).

Se o *where* e *when* forem pronomes de lugar e tempo são integrados aos advérbios relativos:

- Friday is the only day when she can rest. (Sexta é o único dia que ela pode descansar).
- This is the neighborhood where I grew up. (Este é o bairro no qual cresci).

Non-Defining Relative Clauses

As orações explicativas conectam informações a mais sobre os objetos ou sujeitos, no entanto, não são necessárias. Elas são colocadas entre vírgulas, como se fossem o aposto da língua portuguesa, e o *that* jamais é usado.

Exemplos:

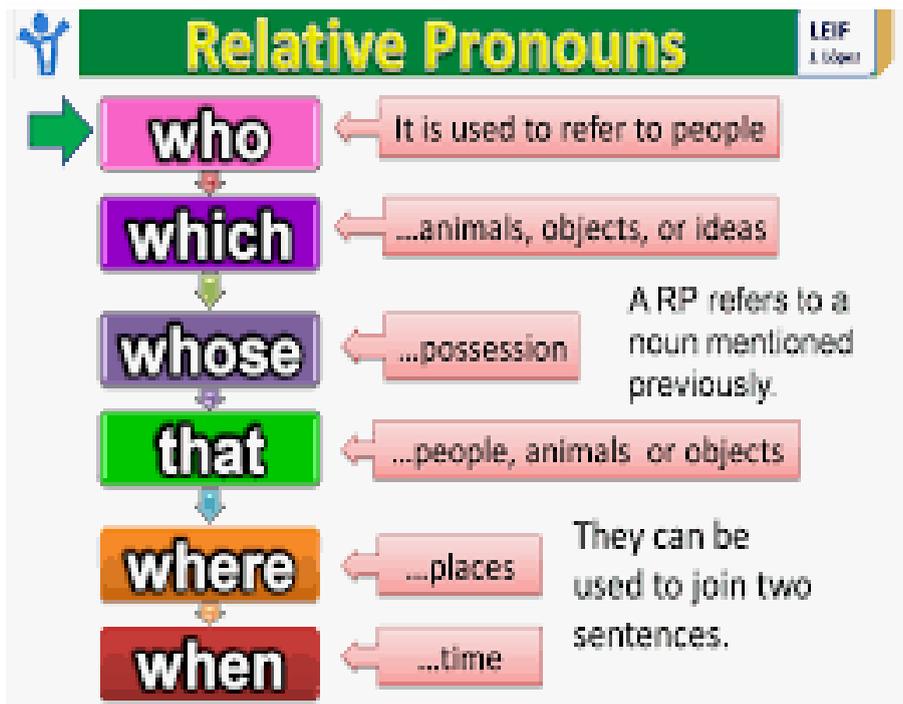
- My brother, who was born in Salvador, lived most of his life overseas (Meu irmão, que nasceu em Salvador, viveu a maior parte de sua vida no exterior).
- He finally met soccer player Neymar, whom he had always admired (Ele finalmente conheceu o jogador de futebol Neymar, a quem ele sempre admirou).
- Paulo was usually late, which always annoyed his father (Paulo geralmente estava atrasado, o que sempre incomodava seu pai).

Diferentemente das sentenças restritivas, nas explicativas os pronomes não podem ser omitidos em nenhuma circunstância:

- Lucas gave me the letter, which was in a black envelope (Lucas me deu a carta, que estava em um envelope preto).
- Lucas gave me the letter, which I read quickly (Lucas me deu a carta, que eu li rapidamente).

Integra-se a preposição *of* antes dos explicativos *whom* e *which* em frases que apresentam as palavras: *all of* (todos) ou *many of* (muitos), *few of* (um pouco de), *both of* (ambos), *half of* (metade), entre outros:

- There are five boys in my class, a few of whom are my cousins (Há 5 meninos na minha turma, alguns dos quais são meus primos).
- She had thousands of CDs, most of which he had heard (Ela tinha milhares de discos, a maioria dos quais ela ouviu).





PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SANTANA DE PARNAÍBA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO	
Colégio Municipal “Professor Aldônio Ramos Teixeira”	
Disciplina: Geografia	Professor(a): Maria Neusa.
Nome do Aluno:	Nº
Ano/série: 3 EM A B C	Conteúdo Explicativo de 26 à 30/07

Ásia Oriental / Japão

A **Ásia** é o maior continente em área terrestre do mundo, estando boa parte do continente localizado no Hemisfério Norte. Além de ser o mais extenso, é também o mais populoso, habitando nele cerca de três quintos da população mundial. A Ásia é **multicultural**, abrigando diversas culturas, etnias, religiões e tradições.

Geograficamente, o continente asiático é também muito diverso. No continente, localiza-se algumas montanhas que estão entre as mais altas do mundo, grandes desertos e extensos rios. O povo asiático corresponde a uma das **civilizações mais antigas** do mundo, iniciada há cerca de 4000 anos. A economia e governos são também variados, visto que o continente é composto por um grande número de países, cada qual com as suas particularidades.

Japão

O Japão é um país composto por um arquipélago situado no Oceano Pacífico e localizado no extremo leste do continente asiático. O território japonês possui uma área de 377.899 km², onde reside uma população de 127,3 milhões de pessoas. A densidade demográfica é de 336,8 habitantes para cada quilômetro quadrado.

◆ População do Japão

A população japonesa é uma das maiores do mundo, e sua densidade demográfica (número de habitantes por área) é também uma das mais elevadas. O Brasil, por exemplo, possui uma densidade demográfica que não ultrapassa os 24 hab./km². Essa elevada concentração de pessoas, somada ao fato de o Japão possuir uma grande quantidade de áreas inclinadas e montanhosas (onde não é possível a moradia), torna-se um grande problema para o país.

Embora a demografia seja considerada uma grande questão nacional, o crescimento vegetativo é negativo, ou seja, o Japão vem perdendo o seu número de habitantes em virtude das baixíssimas taxas de natalidade. Por outro lado, isso gera outro problema demográfico e econômico: o envelhecimento populacional, haja vista que as taxas de mortalidade são baixas e a expectativa de vida da população japonesa é uma das mais elevadas do mundo (83,6 anos). Com isso, o

número de idosos e aposentados é elevadíssimo, o que ocasiona o surgimento de problemas de ordem previdenciária.

Olimpíadas

